

## EM BUSCA DO SANTO VIVO

*Prof. Ms. Marcelo João Soares de Oliveira\**

**Resumo:** Numa fila improvisada em frente da porta principal do convento dos franciscanos de Canindé, muitos peregrinos disputam um espaço para fitar, através de uma fechadura, algo grandioso para eles: o Santo vivo. Mas a fechadura foi trocada. Aquela porta, agora, só se abre por dentro. Hoje, essa busca se dá em todos os cantos sagrados da Cidade. O Santo vivo é uma categoria própria dos que caminham em busca do Sagrado escondido, manifestado, conforme a tradição popular, em cinco momentos: O santo vivo escolhe o lugar Sagrado; confirma ali sua presença; caminha com o devoto; identifica-se com ele e se esconde. O artigo pretende principalmente através da pesquisa de campo mostrar como os devotos encontram meios para recriar suas vidas, seu espaço no Sagrado e fazer memória da sua identidade.

**Palavras-chave:** Religiosidade; símbolo; mito e ritual.

**Abstract:** In a roughly organized queue in front of the main door of the monastery of the Franciscan friars of Canindé, many pilgrims dispute a space to stare, through a lock, at something that is grand for them: the living Saint. But the lock has been changed. That door, now, opens up only from the inside. Nowadays, that search happens in all the sacred corners of the City. The living Saint is the category of those who walk searching the hidden sacred, transmitted, according to popular tradition, and known through five stages: The living saint chooses the Sacred place; he confirms his presence over there; he walks with the devotee; he identifies himself with him and hides himself. This article intends to show, mainly through field research, how the devotees find means to recreate their lives, their place in the Sacred things and to do memory of their identity.

**Keywords:** Religiosity; symbol; myth and ritual.

## Introdução

Pelas veredas tortuosas da vida, tropeçando, às vezes, na própria desilusão, eles chegam a Canindé. Na bagagem, um coração vazio de si; na mão, um ex-voto, símbolo como memória de uma identidade; na voz, orações se elevam ao Sagrado<sup>1</sup> e no olhar, uma saudade renitente sai pelas bordas dos olhos.

Passos brandos na vasta poeira do tempo trilham sem regresso envoltos do Mistério, enveredados pela fé. Corpos crestados, próximos aos mandacarus, pisam quais vultos num solo riscado pela seca, sem mapas, nem mundo ou chão. Mas a fé abrevia as sendas torcidas e os remete a uma nova realidade, assim seguem os romeiros.

Não comunicam desalento, nem cansaço, pois são impelidos e amparados pelo Santo, presente na romaria. Devotos numerosos aí se encontram, peregrinos de todas as raças se amalgamam na Meca interiorana. Místicas, crenças, gestos profanos se unem, irrompem de cada alma sedenta do Eterno, da piedade popular.

Muitas peregrinações são perigosas, os viandantes colocam a própria vida em risco, conduzidos por uma estrada interior sem desvios e sem regresso, por isso eles devem estar preparados para dissipar todas as coisas imanentes, rasgar a história e deixar de lado o tempo.

O Sagrado só pode ser vivenciado pelo espírito quando provocado ou despertado por circunstâncias sagradas que desfigure o estado da alma, como uma revelação interna, quando a alma acende ao deslumbramento do Cosmo, a ele se desprende e nele mergulha...

A peregrinação é uma das práticas físico-espirituais mais antigas da história da humanidade e da tradição cristã. É uma forma

---

<sup>1</sup> O sagrado é compreendido como algo *divino*, diferente de qualquer realidade natural perceptível e que escapa aos processos de racionalização. Com isto traz para a filosofia da religião e para a teologia contemporânea o elemento não-racional da religião. Contudo, não pretende ele excluir a religião do domínio racional, mas realça sua parte originária não-conceitual, do Deus inefável.

de misticismo popular que não pertence à Religião oficial, foi muitas vezes contestada pela Igreja e nasceu fora do seu controle. Gera relato que posteriormente se fundirá em um estilo de vida. Entre os vários lugares escolhidos pelo Sagrado está Canindé, cidade do agreste cearense, com uma superfície de 2.892km<sup>2</sup>, a 110 km de Fortaleza pela BR 020, com uma população de 19.367 habitantes na cidade e 38.874 na zona rural<sup>3</sup>, onde se localiza o santuário de São Francisco das Chagas, com características típicas dos centros de romarias. Assim, a cultura, o comércio, as organizações sociais e religiosas, e toda a população estão voltadas para acolher os peregrinos durante os festejos do Padroeiro. Nessa ocasião, posicionados em longas filas, os devotos afirmam com insistência que São Francisco está vivo e que nasceu em Canindé, ou seja, que há o Santo vivo escondido na Cidade e que os frades não o querem mostrar. Muitos peregrinos disputam um espaço para olhar pelo buraco da fechadura da porta do convento dos frades, pelas frestas da tampa de uma das pias do santuário, dentro da sacristia, ou qualquer outro lugar onde possam encontrar o Santo. Essa situação incomoda bastante a Igreja oficial, no seu empenho de mostrar aos devotos que São Francisco nasceu em Assis-Itália e morreu no seu país em 1226. Mas os piedosos, convictos na maioria, não desistem; a busca é incessante. Os frades trocaram a fechadura da porta, abriram a tampa da pia, fizeram de tudo para o devoto mudar de idéia, mas todo o esforço foi em vão.

Essa singular fé está arraigada nas fontes históricas do princípio da colonização do sertão do Ceará. Conforme Venâncio Willeke, a região que corresponde ao sertão de Canindé, por volta de 1750, era uma antiga aldeia de índios<sup>4</sup>, apesar de ter sido fundada em 1914<sup>5</sup>. Posteriormente chegaram os fazendeiros,

---

<sup>2</sup> BRASIL, Funarte/Instituto Nacional do Folclore/ Consulado Geral da Itália no Rio de Janeiro/ Institutos Italianos de Cultura de São Paulo e Rio de Janeiro, *Romarias de Canindé: 800 anos de nascimento de São Francisco*, p.14

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> V. WILLEKE, *São Francisco das Chagas de Canindé*, 35.

<sup>5</sup> CANINDÉ, Governo Comunitário, “Canindé um ano de fé”, in: *Revista Leia hoje*, I ed. (1994), p. 30.

vindos, a grande maioria, de Jaguaribe e de Baturité<sup>6</sup>, que começavam a cultivar propriedades conquistadas através de sesmarias<sup>7</sup>, onde exploravam a criação de gado e em menor escala a lavoura<sup>8</sup>. Possivelmente, entre esses trabalhadores da terra, encontrava-se o sargento-mor Francisco Xavier de Medeiros, a quem é atribuída a construção do santuário de Canindé<sup>9</sup>.

A construção de santuários, ou lugares destinados a culto, desde pequenas cruzes e ermidas até capelas e grandes igrejas, é um dos aspectos mais importantes da devoção popular do catolicismo tradicional<sup>10</sup> no Brasil, desde a época do período colonial<sup>11</sup>.

O santuário do Canindé, naquele primeiro contexto, não foi construído pela Igreja oficial, mas por um homem simples, do povo, Francisco Xavier de Medeiros.

### **O santo vivo**

O Santo vivo é a forma de linguagem utilizada pelos romeiros de Canindé para auto-comunicação<sup>12</sup>, ou seja, comunicam no Sagrado escondido a busca da própria identidade.

---

<sup>6</sup> Ibidem, p.35.

<sup>7</sup> N. FEITOSA, *Igreja de Canindé 200 anos. Francisco Xavier de Medeiros e seu tempo*, p.28.

<sup>8</sup> V. WILLEKE, *São Francisco das Chagas de Canindé*, 35.

<sup>9</sup> V. WILLEKE, *São Francisco das Chagas de Canindé*, 37.

<sup>10</sup> O *catolicismo tradicional* possui diversas características próprias, entre as quais dizemos que ele é luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar. Por outro lado, temos o *catolicismo renovado*, que pertence à religião oficial, ou Igreja oficial, foi introduzido na época da colônia, fundamenta-se basicamente por volta do século XVI. Suas características são: Romano, clerical, tridentino, individual, sacramentalista (cf. R. AZZI, *O Episcopado do Brasil frente ao Catolicismo Popular*, Petrópolis, Vozes, 1977, 9).

<sup>11</sup> R. AZZI, op. cit., p. 15.

<sup>12</sup> Essa comunicação se estende nas cartas, *ex-votos* e práticas devocionais. Para uma visão mais aprofundada do assunto ver: M.J.S. de OLIVEIRA, *Os pés e o Sagrado. A peregrinação em busca do Santo vivo em Canindé*, Fortaleza, Realce, 2001.

Nesta sua procura, deixam vestígios, marcas de esperança talhadas nos *ex-votos* da vida. Esperam que outros possam acompanhá-los nesta peregrinação. E, quando chegam ao fim da estrada, se eles encontram o Santo vivo, re-criam suas vidas cansadas das desilusões.

O Santo expressa a santidade absoluta. A percepção da presença deste valor desperta a consciência da profanidade, de não ser digno do ser divino, também do pecado, e da necessidade de buscar tal dignidade através da purificação, ou de atitudes espirituais como a humildade. Ainda alude à prudência e ao respeito diante de Deus. Balizam valores éticos e morais, uma vez que a ética em sua essência é algo maior que uma elaboração social ou cultural num momento histórico, é uma racionalização decorrente dos sentimentos que o Sagrado desencadeia.

Quanto mais eles se aproximam do Santo vivo, mais deixam transparecer quem são. E, assim, o Sagrado se manifesta neles, ou seja, se visibiliza aos olhos da fé. Contudo, nem todos os devotos conseguem encontrá-lo, pois ele se revela, expressa seu olhar, somente a quem o busca com ardor, no mais veemente anelo:

Eu sou devota de São Francisco. Eu confio nele. Eu tenho fé, aquela fé dentro de mim, quando eu vou a Canindé é que eu vejo São Francisco com aqueles olhos, eu tenho a certeza de que não é fanatismo não, eu vejo ele olhar pra mim, bater com os beijos, eu vendo<sup>13</sup>.

Nestas palavras, percebe-se claramente a convicção de que há um Santo vivo em Canindé. É o Sagrado que se revela na vida dos devotos e devotas.

O devoto de Canindé chama de São Francisco o Santo vivo; e, assim procedendo, externa na Igreja sua crença inabalável no Sagrado que olha para ele e se comunica. É uma forma de ter acesso ao local que o Santo escolheu para a edificação do relicário, exprimindo-se através da imagem primitiva.

---

<sup>13</sup> BRASIL, op. cit., p.17.

O Santo vivo que se manifesta ao devoto de Canindé o faz de maneira muito própria. Como se explica este fato? Para responder, olharemos diversas tradições populares presentes na vida dos romeiros da Cidade.

A tradição popular de Canindé guardou com cuidado os principais momentos da comunicação do Santo. Pode-se estruturá-la nos seguintes momentos: primeiro, o Santo vivo *escolhe* o local onde será edificado o templo; segundo, *confirma* sua presença viva no lugar que ele escolheu; terceiro, *caminha* com o devoto nas suas perdas e dificuldades; quarto, *identifica-se* com o devoto de Canindé; quinto, *esconde-se* na Cidade.

Desvelar esses tópicos nos ajudará a perceber a profundidade da experiência vivida pelos romeiros de Canindé.

## 1. O Santo vivo escolhe o lugar

Segundo a tradição popular, o santuário de Canindé teve uma origem misteriosa. Ela conta que a partir de 1775, Francisco Xavier de Medeiros ao erguer o templo para São Francisco, no local revelado pelo Santo, é impedido por três irmãos vindos do Jaguaribe<sup>14</sup>, que se diziam donos do terreno. Mas por querer contrariar os desejos do Santo, morrem dois irmãos vítimas de misteriosa moléstia, o último deles sentindo os mesmos sintomas dos anteriores, temendo morrer, oferece o local para construir. Outra experiência que parece apontar o Santo vivo como revelador do local sagrado notamos no livro de literatura de cordel: *Canindé, da lenda à realidade*, de Gonzaga Vieira, no fato da imagem de São Francisquinho<sup>15</sup>.

A religiosidade popular guarda tradições importantes sobre a existência de duas imagens de São Francisco que surgiram no

---

<sup>14</sup> V. WILLEKE, *São Francisco das Chagas de Canindé*, 38. Para Neri FEITOSA, alguns colonizadores da ribeira do Jaguaribe se deram por donos do terreno e proibiram a continuação das obras da igreja. A questão só foi resolvida com a morte destes. Daí, possivelmente, surgiu a lenda da morte de dois dos três jovens do Jaguaribe e doação do terreno. (cf. N. FEITOSA, *Igreja de Canindé 200 anos. Francisco Xavier de Medeiros e seu tempo*, p. 08).

<sup>15</sup> G. VIEIRA, *Canindé, da lenda à realidade*, p. 7.

decorrer dos anos. No tocante a mais antiga, ou seja, à menor delas, conta-nos Gonzaga Vieira, numa versão popular, transcrita em cordel, por que a imagem primitiva, chamada pelos fiéis de *São Francisquinho*<sup>16</sup>, surgiu de forma misteriosa:

<i>A lenda nos diz então</i>	<i>Voltou ao capinzal</i>
<i>Como nasceu esse culto</i>	<i>E o santo estava lá</i>
<i>Que certo dia um vaqueiro</i>	<i>Levou o santo prá casa</i>
<i>Achou um pequeno vulto</i>	<i>Na mala tornou guardar</i>
<i>No meio de um capinzal</i>	<i>Mas a pequena imagem</i>
<i>Em um nicho quase oculto</i>	<i>Sempre teimava em voltar.</i>
<i>Levou o santo prá casa</i>	<i>Ele aí compreendeu</i>
<i>E guardou-o numa mala</i>	<i>Que o santo lhe pedia</i>
<i>Quando voltou novamente</i>	<i>P'ra construir uma igreja</i>
<i>Quase perdeu a fala</i>	<i>No capinzal que havia</i>
<i>O santo havia sumido</i>	<i>Edificando um templo</i>
<i>Ele muito se abala</i>	<i>Para sua moradia</i> <sup>17</sup> .

Na América Latina, há outras histórias de imagens encontradas por leigos e que, quando foram colocadas na igreja, retornaram ao local onde a encontraram:

Em toda a América Latina, é freqüente a tradição da imagem do santo ou santa que, encontrada num terreno, é levada à paróquia e no dia seguinte desaparece da igreja e reaparece no mesmo lugar onde antes fora encontrada. Então o povo descobre que ali é o lugar onde ela deve ficar e faz o santuário das romarias<sup>18</sup>.

Mas, para o povo, o lugar foi escolhido pelo Sagrado, não por uma pessoa humana, e a igreja edificada por Francisco Xavier de Medeiros<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> V. WILLEKE, *São Francisco das Chagas de Canindé*, 41.

<sup>17</sup> G. VIEIRA, op. cit., p. 6-7.

<sup>18</sup> M. BARROS / A. PEREGRINO, *A Festa dos pequenos: Romarias da Terra no Brasil*, p. 57.

<sup>19</sup> V. WILLEKE, *São Francisco das Chagas de Canindé*, 37. Existem controvérsias quanto a data e o construtor da Igreja. Cf. FEITOSA, Néri, op. cit., p. 68-69.

Para Mircea Eliade, o Sagrado é ao mesmo tempo “santo” e “imaculado”. O que se torna imaculado, e, portanto consagrado, ainda que mantenha suas características essenciais, se diferencia de tudo que pertence a esfera do profano e, acabam por se tornar praticamente proibidos à existência profana. Ninguém pode se aproximar impunemente de um objeto imaculado ou consagrado quando está em condição profana, ou seja, sem que tenha sido ritualmente preparado para tal<sup>20</sup>.

Na verdade, para um devoto, o que caracteriza a que uma imagem ou qualquer objeto passe a pertencer a esfera do sagrado é o fato de pertencer a criação divina. Assim, tudo que os religiosos referem a atividade criadora, pertence a esfera do sagrado, e, por conseguinte, participa do Ser. Pelo contrário, tudo o que os homens constroem por sua própria iniciativa, e que não tem um referencial mítico, pertence a esfera do profano e é portanto uma atividade vã e ilusória, na verdade irreal. Poder-se-ia dizer que, quanto mais piedoso é o devoto, maior é o acervo de modelos exemplares que dispõe para referenciar sua vida.

## **2. Confirma sua presença no local revelado**

Segundo o historiador Venâncio Willeke, o fenômeno do Santo vivo é explicado por três acontecimentos registrados durante a construção da igreja de Canindé. Nesses fatos, o Santo vivo revelou-se misteriosamente aos trabalhadores do templo, confirmando ser este o lugar escolhido por ele.

O primeiro episódio refere-se à queda do pedreiro Antônio Maciel, que trabalhava na torre da igreja. Na ocasião do acidente, Francisco Xavier de Medeiros grita, aflito, pela ajuda do Santo, obtendo resposta ao seu clamor, *pois naquele vertiginoso trajeto, Maciel ficou preso a uma tábua, pouco abaixo da janela da sineira puxando-o dali os companheiros por meio de uma corda*<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Para Eliade o sagrado é qualitativamente distinto do profano, ainda que possa se manifestar de qualquer forma e em qualquer lugar dentro do mundo profano.

<sup>21</sup> V. WILLEKE, *São Francisco das Chagas de Canindé*, 39.



O segundo fato ocorreu com o próprio construtor da igreja, Medeiros, que, trabalhando uma madeira, foi atingido por uma tesoura<sup>22</sup> que caiu sobre a sua coxa. Levado para casa, não sentiu dores e continuou o serviço no dia seguinte<sup>23</sup>. Outra experiência, foi quando abriram o caixote em que acabara de chegar à escultura de São Francisco vinda de Lisboa, ao retirarem a tampa, de dentro da caixa pulou um *ratinho branco e nutrido*. Estando no momento algumas pessoas tentaram agarrar o rato, mas não conseguiram. Tendo o animal se escondido debaixo do altar do Santo, parecia apontar ali o lugar sagrado, na ocasião disse Medeiros: deixem o ratinho, sabem lá que mistério é esse; pois vindo de tão longe não ofendeu a imagem. Essa historia foi relatada por um irmão de Joaquim dos Santos que assistiu abrir o caixão<sup>24</sup>. O lugar sagrado não é apropriado pelo ser humano mas sacralizado para que seja integrado ao mundo real e sagrado. A sacralização restabelece uma comunicação permanente com o Céu e com o Sagrado. Na distância homogênea e infinita do espaço não se consegue estabelecer nenhuma demarcação, que somente é possível a partir de uma manifestação sagrada que permita ser revelado um ponto fixo, absoluto, um Centro. Se, para viver no mundo, é necessário fundá-lo e se nada pode começar sem orientação prévia, um sinal qualquer basta para indicar a sacralidade do lugar.

A notícia desses episódios propagou-se rapidamente por toda a região, e re-significou o espaço sagrado dando início ao movimento das romarias.

Quando chega o momento dos peregrinos partirem para as suas casas, parecem pedir, do fundo de seu coração, apenas uma coisa: poder retornar a Canindé e conversar com o Santo vivo no

---

<sup>22</sup> Esta tesoura seria um dos conjuntos de peças de madeira que serve de sustento da cobertura da igreja.

<sup>23</sup> V. WILLEKE, *São Francisco das Chagas de Canindé*, 39.

<sup>24</sup> Essa história encontra-se fortemente presente nas tradições populares de Canindé. Contudo alguns aspectos importantes foram registrados. Cf. “Memórias deixadas por Joaquim dos Santos Lessa” e VVAA, *Ligeiro esboço histórico da Igreja de São Francisco das Chagas de Canindé e do seu movimento*, livro de tomo No. 1, p. 48-52 V.

próximo ano. Eles não estão sozinhos e quando voltam para sua cidade carregam consigo um mistério novo<sup>25</sup>.

Mas o Santo vivo não os abandona, caminha com eles. Protege-os, sobretudo, nas horas difíceis. Ele é o protetor do devoto, como na história da *Menina Perdida* no Amazonas, que foi resgatada sem nenhum arranhão por um velhinho que ela identificou como sendo o Santo de Canindé.

### 3. Caminha com o devoto

O devoto de Canindé conseguiu de forma singela expressar, através da história da *Menina Perdida*, o carinho e a segurança que sente por parte do Santo. É uma maneira de dizer que o Santo caminha ao seu lado em qualquer circunstância. É um modo de expressar um convívio íntimo com o Santo vivo, que se estende à família. É um relacionamento que inclui diálogo, proximidade e familiaridade.

Nesta história da *Menina Perdida*, a família toda entra em cena - mãe, pai, filha, tia. É sinal de um grupo religiosamente organizado. A menina Maria Aparecida ao perder-se na selva encontra no Santo vivo proteção e adormece, finalmente, nos braços do Sagrado.

É uma história escrita em versos por Jota Ferreira, baseada num conto de 1907, comunicado por Joanhina, uma devota de Caninde. Atualmente, a imagem da *Menina Perdida* está no museu de Canindé. Ela possui a cabeça de cera e o corpo de gesso<sup>26</sup>.

Sobre ela, o professor de artes plásticas Manoel Messias Freitas, autor do *Hino da Cidade* e do *Hino do Romeiro*, fez uma tela que retrata a lenda da *Menina Perdida*<sup>27</sup>. Eis alguns trechos do

---

<sup>25</sup> BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A., *Canindé, monografia do BNB*, [s.l.], BNB, [s.d.], p. 8.

<sup>26</sup> CANINDÉ, Governo Comunitário, *Canindé um ano de fé* op. cit., p.34.

<sup>27</sup> BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A., *Canindé*, op. cit. p.31.

cordel *Menina Perdida*<sup>28</sup>, sem rigor nas rimas, muito menos na contagem das sílabas e ictos; o que não vem ao caso:

*Filha de pais cearenses  
Do município de Canindé  
Pra lá eles foram levados  
Atrás dum “ramo” qualquer  
Vivendo a vida coitados,  
Tão ingrata como ela é.*

*Já com um ano completo  
Vivendo em meio de onças  
Um dia a mãe, bem cedinho,  
Fazia café-sem lembrança  
Quando em casa, sem ninho,  
Chegava formosa criança*

*Vindo ela, a Canindé,  
Após um ano perdida,  
Tinha apenas a idade,  
De seis anos nascida.  
Depois tornou, de verdade,  
Aquela terra antes vivida.*

*Ao entrar no Santuário  
São Francisco, ela o avistou,  
E disse – mãezinha, lá está  
O velhinho que me salvou.  
E assim caíram em prantos,  
Que muita ‘pena’ causou*

*Ó minha filha querida  
Nestas terras estranhas,  
Teu pai aqui, é comigo  
Por onde andastes assim  
Socada em tanto perigo  
Longe, tão longe de mim?*

*Mãezinha, respondeu ela:  
Andava com um velhinho  
Que me dava o que comer  
Até chamava ele padrinho  
E hoje, aqui, vei me trazer  
Dali mostrando o caminho.*

*Chegando lá, na Amazônia,  
Logo a menina adoeceu...  
E, na graça do bom Deus,  
Seu corpinho adormeceu  
Unindo-se aos anjos dos céus  
E; aqui, entre nós no museu.*

*Tendo feito este relato  
Com base em fonte legal,  
Descrevo sim, penalizado,  
Este ‘conto’ original  
Dessa menina perdida.  
Por milagre, aparecida.*

A história da *Menina Perdida* na Mata do Amazonas, narrada na literatura de cordel, é lembrada pelos romeiros e funcionários da Paróquia de São Francisco das Chagas como grande testemunho de fé. Testemunho que se estende por várias gerações e se torna mensagem de total confiança no Santo, transmitida e preservada na vida dos devotos, na arte e na imagem da *Menina Perdida* guardada no museu como sinal da memória da presença do Santo que não abandona os seus devotos.

---

<sup>28</sup> Para um estudo atualizado sobre a literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos do Nordeste do Brasil, ver M. ABREU, *História de Cordéis e Folhetos*, Campinas, Mercado das Letras, 1999.

O mais importante para o devoto de Canindé é que o Santo caminha com ele, não o deixa perdido na selva de problemas. Ele é verdadeiro e vive, do contrário não atuaria na vida dele. Mas o Santo vivo não pára por aí, ele vai mais além na sua amizade para com o devoto. Torna-se igual a ele, assumindo a mesma identidade.

#### **4. Identifica-se com o romeiro**

Muitos devotos da Cidade não aceitam a história de que São Francisco tenha nascido ou morrido em outro lugar, por mais que se tente explicar, argumentar ou comprovar historicamente. Na realidade do devoto, é inquestionável que o nascimento do Santo ocorreu no solo de Canindé. Não pode ser diferente, visto que a sua origem no município parece estar ligada à própria identidade. Desta forma, os fiéis peregrinos não cedem às explicações dos religiosos: *Pode ter nascido em outro lugar, mas é presente aqui e só aqui ele concede graças. Como uma imagem viva. Eu quando estou na igreja, acho que ele se vira para mim. Ele está vivo sim sinhô!*<sup>29</sup> Diz o devoto Francisco de Assis: ... *Ele desapareceu. Ele não morreu. Ele só fez desaparecer, mas continua vivo. Se alguém pudesse ver ele vivo, pessoalmente, seria mesmo um milagre muito grande...*<sup>30</sup>.

O Frei Carlos Antônio da Silva Santos, atual pároco do santuário de Canindé, nos fala desta situação:

...eles vêm aqui e há fé tão grande neles que eles conseguem enxergar nas coisas pequenas a figura de São Francisco, quer dizer, o próprio São Francisco vivo, por mais que se diga que isso não é possível (...) Eles conseguem ver por um buraco da fechadura, coisa como a gente sabe, que não é possível, só que a gente não consegue tirar isso da cabeça por maior catequese que a gente tenha feito, mas isso é impossível (...) por isso, eles conseguem ver com seus próprios olhos - são os olhos da fé, a pessoa de São Francisco, que como já disse, a gente não consegue enxergar, por conta colocamos uma outra ótica: A ótica da teoria. E eles colocam realmente a do coração, da simplicidade da fé que tem demais e

---

<sup>29</sup> BRASIL, op. cit., p.18.

<sup>30</sup> FITA VHS N° 03.

eles conseguem vê (...) passar esta idéia para outras pessoas que vai crescendo cada vez mais, essa imagem da presença física de São Francisco<sup>31</sup>.

Os devotos procuram o Santo vivo porque o Sagrado se identifica, compreende, escuta e entende o que dizem:

O santo popular goza do apreço e da veneração por sua visibilidade, sua proximidade e principalmente sua identificação com os devotos. Ele tem a mesma face sofrida e sua história atravessada pela tragédia, também tem suas fraquezas e pode ter errado causando dor, mesmo assim ama a vida e pode curtir-la bebendo, cantando, dançando, rindo, caindo na folia. Assim o santo é tolerante e compassivo, sabe escutar, perdoar e entender. Comunicando-se mais por gestos e sinais que por palavras, não faz discurso, não condena a homens e mulheres, entende, ensina e reconcilia sarando<sup>32</sup>.

É o amor que constitui a relação afetiva entre os dois. No Santo, os peregrinos encontram a presença do Transcendente e a proteção de suas vidas.

## **5. Esconde-se na cidade**

O sol já se escondia por detrás da Basílica e as estrelas do agreste cearense pareciam iluminar com todo o seu esplendor o olhar cansado dos romeiros.

Eles se juntavam em frente à entrada principal do convento dos frades franciscanos. Contudo, não estavam lá para reclinar a cabeça. Talvez quisessem repousar o coração inquieto, quando disputavam fitar, nem que fosse por um instante, algo grandioso através do orifício de uma fechadura.

Muitos peregrinaram vários quilômetros para estar ali. Alguns nada comeram, outros se alimentaram durante a viagem, os demais vieram buscar ali mesmo o seu alimento. A pequena distância, num recanto ensombreado, alguns esperavam, pacientemente, seu

---

<sup>31</sup> FITA VHS N° 04.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 21.

momento de espreitar – sem malícia – através da fechadura, na porta do convento franciscano.

Mas, - dentro, ali, daquele lugar religioso - o que haveria de tão importante, de especial, de fascinante, de extraordinário, de humano ou divino, para reunir tantos devotos em face de uma porta? O motivo é que, *através de uma fechadura, os romeiros afirmam ver São Francisco, vivo*<sup>33</sup>. Assim relata Edvaldo Filho, no texto de artigo divulgado no jornal *O Povo*.

Ver o Santo vivo é algo que nos rompe as fronteiras do entendimento. É preciso, então, aí enxergar a realidade de outra forma.

Folheando as páginas da vida dos devotos, percebemos que é necessário acompanhar os passos dos peregrinos de Canindé para entender o seu universo simbólico. Segundo os romeiros, os frades esconderam lá o que não lhes pertence, guardaram o que é dos fiéis. Eles tentam buscá-lo, os religiosos literalmente fecharam o pequeno espaço que os devotos encontraram para observar o Santo vivo, trocando recentemente a fechadura da porta.

A nova fechadura não permite a visão do convento. Foi um gesto que cortou o diálogo com os romeiros, pois não compreende a sua linguagem que fala de um Santo vivo que há dentro deles, que pulsa em seu ser. Não entende que buscam o sentido da vida, ou procuram um novo jeito de ser e de existir, ou de re-criar a própria existência.

Uma devota de São Francisco, chamada Aurora de Holanda, de 89 anos, nascida no Piauí, residente em São Paulo, em suas peregrinações a Canindé<sup>34</sup>, descobriu o motivo de o Santo se esconder:

São Francisco era uma pessoa, mas chamado Francisco, ninguém sabe se é Francisco de Canindé, se é Francisco de Assis (...) Ele andou no mundo inteiro, andou no Brasil, (...) Então teve um lugar

---

<sup>33</sup> E. FILHO, “Festa de São Francisco termina, mas fé permanece”, *O POVO/OPINIÃO*, 8 /10/1995, p.22<sup>a</sup>.

<sup>34</sup> Entrevista gravada em fita K7. Realizada em São Paulo, no dia 27/10/1999.

aonde ele andou que furaram ele (...) foi lá no Canindé (...) Vê se São Francisco era homem, se era santo mesmo, o negócio era esse (...) Então, espetavam ele com espinho. Cada um levava os espinhos que achavam nas estradas. Espinhos de mandacaru, aquele grandão eles levavam e furavam e sai aquela chaga de São Francisco. Safa sangue (...) São Francisco era vivo, daí ele foi se escondendo lá mesmo, daí dizem que foi que o pessoal fazia maldade (...) Mas não saiu de lá...<sup>35</sup>

Conforme o depoimento da Aurora de Holanda, o Santo vivo se esconde por causa das espetadas de espinhos que sofreu enquanto esteve na cidade de Canindé. Mas por qual motivo os devotos furariam o Santo? Seria simplesmente por maldade? Seria ele um fantasma ou uma imagem São Francisco? Nesse caso, não seria o Santo vivo que eles procuram, conseqüentemente, não sangraria.

É possível, também, que, através deste gesto de furar com espinhos, os devotos estivessem realizando certo ritual de confirmação de sua fidelidade ao Santo, ou pacto com o próprio Santo. Esta prática dos romeiros nos remete a histórias da Antiguidade. Existem ritos que se conservam ainda hoje na nossa vida. Por exemplo:

As feiticeiras da Tessália celebravam certos rituais nos seus cemitérios ou panteões para evocar a sombra dos falecidos. No aniversário dos seus mortos queridos, compareciam ante os túmulos e, em meio a alaridos espantosos, puncionavam os seus seios para que deles escorresse sangue, o qual servia de veículo às sombras dos mortos para poderem se materializar no mundo físico.

...Homero, na sua Odisséia, conta algo sobre um ritual celebrado por um feiticeiro na Ilha de Calixto, onde reinava a cruel deusa Circe. O Sacerdote degolou uma rês num fosso, enchendo-o com seu sangue. A seguir, o sacerdote invocou o Adivinho de Tebas. Homero relata que este acudiu ao chamado e pôde materializar-se totalmente graças ao sangue. O Adivinho de Tebas conversou pessoalmente com Ulisses e prognosticou-lhe muitas coisas<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Histórias pesquisadas pela Internet: <http://www.gnosis.org.br>

Estas duas histórias trazem um ritual de sangue que visa à presença das pessoas importantes ou queridas que, mesmo consideradas mortas, podem se comunicar num mundo físico. Talvez essas mitologias nos ajudem a compreender as atitudes dos devotos. Esta prática dos devotos, ou seja, este gesto de *ver o sangue descer*, apresenta um ponto em comum com as mitologias: a materialização do ser que lhe é querido. Talvez seja este o motivo principal da prática dos devotos de Canindé: a materialização do Santo vivo, por isso, alguns afirmam que o encontraram na Cidade.

## Conclusão

Procuramos mostrar que o Santo é o Sagrado que dá sentido à vida cotidiana dos devotos, é aquele amigo que está próximo, com o qual eles se identificam, assumindo uma nova maneira de ser. O Santo também se identifica com os devotos e revela a imagem de um Deus bondoso que os aceita como são.

O Santo possui a mesma fisionomia chagada dos devotos e a sua história, muitas vezes, foi obscurecida e enodada pelo malogro das tentativas de ser feliz, de conseguir respeito e importância aos olhos das pessoas e de Deus. Por isso, a realidade vivida do Santo é carregada de experiências, que o faz compreender, tolerar, escutar, perdoar e entender os devotos<sup>37</sup>.

Na cidade de Canindé, o santo dos devotos é perquirido em todos os lugares sagrados, porque muitos peregrinos acreditam que ele é o Santo vivo, escondido, daqueles que não compartilham a fé dos romeiros. Os romeiros chamam o Santo vivo de São Francisco, porque só assim eles podem tentar dialogar com a Igreja oficial e conseguir manifestar suas expressões de carinho ao Sagrado deles, no santuário. O templo de Canindé foi escolhido pelo Santo que se apresentou primeiramente aos leigos; contudo, esse local sagrado, atualmente, está sob o controle do Magistério eclesiástico.

Tentamos assimilar a maneira dos devotos se relacionarem com o Santo vivo que é a linguagem utilizada por eles para falar de si e de seus ideais, é uma forma de dizer que eles mesmos estão

---

<sup>37</sup> F. T. LONDOÑO, “As devoções e o ser religioso do Brasil”, op. cit., p. 21.



vivos e, mesmo marcados pelas chagas do cotidiano, conseguiram superar suas dores no Transcendente.

Acredita-se que é na dialética entre teologia oficial e devoção popular que se percebe o verdadeiro lugar da proximidade de Deus. Faz-se urgente que a Igreja reconheça a realidade psicológica dos gestos expressivos dos romeiros, para compreender a relação singular da religiosidade do povo, como uma linguagem antropológica de retorno às origens cristãs, na comunicação com o Transcendente.

O que se procurou demonstrar, na presente pesquisa, é que a devoção popular não se resume a ritos e promessas, mas em um relacionamento afetivo do devoto para com o Santo. Relacionamento no qual se envolvem numa entrega total ao outro e se comunicam numa profunda comunhão espiritual, que se constitui em uma nova identidade do peregrino. Por isso, as práticas devocionais que parecem revelar penitência e promessa, ou cumprimento de um pacto, são na verdade gestos indicativos de amor e de fidelidade. Isso se nota claramente quando alguns devotos fazem mais do que o combinado com o Santo, demonstrando a extensão do seu amor e mostrando que seu gesto não se resume a promessa. Exemplo: quando dizem ao Santo dar uma volta em torno do santuário e circulam diversas vezes, ao seu redor. Eles, ademais, entram no recinto de joelhos, sinalizando o local escolhido pelo Sagrado e comunicando com seu gesto que lá somente se chega, ao Absoluto, quando se peregrina com humildade.

Nesse relacionamento afetivo do Santo com o devoto há uma forma própria de comunicação e de linguagem que a Igreja oficial ainda não compreendeu. No caso de Canindé, os devotos falam de um Santo vivo escondido na Cidade. Dizem que ele apareceu ao devoto e se escondeu por causa do sofrimento que passou, ou seja, das espetadas de espinhos que sentiu. Falam, ainda, que os frades o esconderam na Igreja e não querem mostrá-lo aos devotos. Daí se geram conflitos. É inegável, portanto, a necessidade de reconhecer a pessoa do devoto e as suas expressões de fé e de identidade.

A Igreja precisa enfrentar o desafio de re-criar seu imaginário considerando a devoção popular como uma experiência de afetividade e identidade do devoto para com o Sagrado. Deve levar em conta o lado subjetivo do romeiro e dialogar com ele, olhar para ele.

O devoto continua procurando o Santo vivo, ou seja, buscando um espaço para o encontro com o Transcendente e criando um ambiente para diálogo com a Igreja oficial.

### **Referências bibliográficas**

- ABREU, M., *Historia de cordéis e folhetos*, Campinas, Mercado das letras, 1999.
- AZZI, R., *O Episcopado do Brasil frente ao Catolicismo Popular*, Petrópolis, Vozes, 1977.
- B.N.B., *Canindé*, monografia do BNB, s/l, BNB, s/d.
- BARROS, M., Peregrino Artur, *A festa dos pequenos: Romarias da Terra no Brasil*, São Paulo, Paulus, 1996.
- BRASIL, Funarte/Instituto Nacional do Folclore/Consulado Geral da Itália no Rio de Janeiro/Institutos Italianos de Cultura de São Paulo e Rio de Janeiro, *Romarias de Canindé: 800 anos de nascimento de São Francisco*, Rio de Janeiro, Funarte, s/d.
- CANINDÉ, Governo Comunitário, “Canindé, um ano de fé”, in: *Leia Hoje*, Canindé, 1994.
- FEITOSA, N., *Igreja de Canindé 200 anos. Francisco Xavier de Medeiros e seu tempo*, Canindé, Instituto Memória de Canindé, 1996.
- FILHO, E., Festa de São Francisco termina, mas fé permanece. *O povo/Opinião*, p. 22.
- LONDOÑO, F. T., “As devoções e o ser religioso do Brasil”, in: *Tempo&Presença*, março/abril/ 2000.
- MIRCEA, E., *Lo Sagrado y lo Profano*, Madrid: Guadarrama, 1967.
- OLIVEIRA, M. J. S. de, *Os pés e o Sagrado. A peregrinação em busca do Santo vivo em Canindé*, Fortaleza, Realce, 2001.
- VIEIRA, G., *Canindé da lenda à realidade*, Canindé, São Sergras, 1999.
- WILLEK, V., *São Francisco das Chagas de Canindé*, Petrópolis, Vozes, 1993.

\*Prof. Ms. Marcelo João Soares de Oliveira  
Mestre em Ciências da Religião PUC-SP, Professor do ICRE  
marcelosoliveira@hotmail.com